

Reflexões e entendimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais
Reflections and understandings on the Brazilian Sign Language
Reflexiones y entendimentos sobre la Lengua Brasileña de Señas

Jéssica Rabelo Nascimento¹
Adriana Lúcia de Chaves de Barros²
Karine Albuquerque³

¹ Acadêmica de Letras com Ênfase em Linguística pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), pesquisadora e bolsista pelo CNPq com foco em Linguística Aplicada. E-mail: jessica_nascimento26@live.com

² Pós-Doutoranda em Letras Modernas pela USP (2016-2017). Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (2010). Mestre em Administração de Empresas com especialização em Marketing pelo IAG Escola de Negócios da PUC-Rio (2006). Diplomada no curso de pós-graduação em Management (MBA) pelo IAG- Escola de Negócios da PUC-Rio (2003). Diplomada no curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa (DOTE- Diploma for Overseas Teachers of English, RSA) pela Universidade de Cambridge, Inglaterra (1994), adquirindo o título de Royal Society of Arts. Graduada em Letras Português-Inglês Licenciatura Plena pela PUC-Rio (1984). Professora efetiva da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, ministrando aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico e Profissional em Letras. E-mail: chaves.adri@hotmail.com

³ Professora de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens- UFMS (2017). Tradutora/intérprete de Libras. Possui certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras / Língua Portuguesa / Libras Nível Superior e Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais Nível Superior. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS, 2016), Pós-Graduada lato sensu em Libras (2012) e Graduada em Normal Superior pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS, 2009). E-mail: karine.1987@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal promover um estudo sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) que é a língua usada pela comunidade surda brasileira e obteve seu reconhecimento legal pela Lei 10436/2002 regulamentada pelo Decreto 5626/2005. Buscaremos refletir sobre as especificidades da Libras, entendendo suas características linguísticas e não linguísticas. Para tanto faremos a descrição do aspecto fonológico da Libras, elucidando seu *status* linguístico. Esta é uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores renomados como, Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que são pesquisadores renomados na educação de surdos. Entender a condição Linguística do surdo é o começo de uma longa caminhada, em que novas questões, descobertas, desafios e reflexões se fazem emergir, sensibilizando um número cada vez maior de pesquisadores, professores e autoridades competentes. Por meio desta pesquisa, aprofundamos os conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Palavras-chave: Libras; língua; linguística.

Abstract: The present article has as main objective to promote a study on the Brazilian Language of Signs (Libras) that is the language used by the Brazilian deaf community and obtained its legal recognition by Law 10436/2002 regulated by Decree 5626/2005. We will try to reflect on the specificities of Libras, understanding its linguistic and non-linguistic characteristics. To do so we will describe the phonological aspect of Libras elucidating its linguistic status. This is a bibliographical research based on renowned authors such as Brito (1995) and Quadros and Karnopp (2004) who are renowned researchers in the education of the deaf. Understanding the linguistic condition of the deaf is the beginning of a long journey, where new questions, discoveries, challenges and reflections emerge, sensitizing an increasing number of researchers, teachers and competent authorities. Through this research, we deepen our knowledge about the Brazilian Sign Language.

Keywords: Libras; language; linguistics.

Resumen: El presente artículo tiene objetivo principal promover un estudio sobre la Lengua Brasileña de Señales (Libras) que es la lengua usada por la comunidad sorda brasileña y obtuvo su reconocimiento legal por la Ley 10436/2002 regulada por el Decreto 5626/2005. Buscaremos reflexionar sobre las especificidades de la Libras, entendiendo sus características lingüísticas y no lingüísticas. Para ello haremos la descripción del aspecto fonológico de la Libras elucidando su *status* lingüístico. Esta es una investigación bibliográfica fundamentada en autores renombrados como, Brito (1995) y Quadros y Karnopp (2004) que son investigadores renombrados en la educación de sordos. Entender la condición lingüística del sordo es el comienzo de una larga caminata, donde nuevas cuestiones, descubrimientos, desafíos y reflexiones se hacen emerger, sensibilizando a un número cada vez mayor de investigadores, profesores y autoridades competentes. A través de esta investigación, profundizamos los conocimientos sobre la Lengua Brasileña de Señales.

Palabras clave: Libras; language; linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua da comunidade surda do Brasil, desde seu reconhecimento legal em 2000, passou a ser uma língua oficial e um direito dos surdos. Contudo ainda está à espera de uma política linguística que viabilize sua consolidação linguística, para que assim alcance o mesmo status social que a língua oral do país, uma vez que, em aspectos linguísticos, em nada se diferem.

É um sistema linguístico legítimo e natural utilizado pela comunidade surda brasileira de todo o Brasil afora, com uma modalidade visual-espacial e com sua estrutura gramatical independente da Língua Portuguesa falada no Brasil (BRASIL, 2002).

Dessa forma, possibilita o desenvolvimento linguístico, social e intelectual daquele que a utiliza, enquanto instrumento de prática social, dessa maneira dando a possibilidade de conhecimento cultural e científico.

A Libras difere-se sensivelmente das línguas orais por sua modalidade visual-espacial, ou seja, utiliza o espaço para sua enunciação e recorre aos articuladores visuais como as mãos e corpo para sua emissão e recepção. Dessa forma, como se dá a fonologia de uma língua visual?

Assim, este artigo objetivou promover um estudo sobre a Língua Brasileira de Sinais. Buscamos refletir sobre as especificidades da Libras, entender sobre suas características linguísticas no aspecto fonológico fazendo uma descrição, ratificando sua qualidade de língua e não como linguagem.

Sendo uma pesquisa bibliográfica, está fundamentada em autores renomados nos estudos e pesquisas da área, tais como Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) como Allwright (2003a), Miller (2006) e Moraes Bezerra (2006).

Destaca-se a relevância deste estudo, na medida em que se faz necessário olhar o Brasil como plurilíngue, para que possamos reconhecer, valorizar e estudar as outras línguas existentes no país, além do Português, como é o caso, da LIBRAS, considerando o momento político favorável para as minorias linguísticas no Brasil.

2 CONHECENDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Entender a condição Linguística do surdo é o começo de uma longa caminhada, em que novas questões, descobertas, desafios e reflexões se fazem emergir, sensibilizando um número cada vez maior de pesquisadores, professores e autoridades competentes.

A língua de sinais é considerada a língua materna dos surdos por ela não estar atrelada ao canal oral-auditivo, e por essa modalidade favorecer a aquisição pelo surdo, além de contribuir para o seu desenvolvimento linguístico, social e cognitivo. Porém não foi sempre assim, essa língua resulta de lutas dos surdos, há séculos na busca de sua identidade.

Em 1880, em Milão, ocorreu o II Congresso Internacional sobre a instrução de surdos considerado um marco histórico por determinar o uso exclusivo da oralidade e a proibição dos sinais. Para essa corrente, é enfatizado o uso da língua oral visando aproximar os surdos, o máximo possível, do padrão ouvinte, crendo-se que isso o integraria mais facilmente à sociedade.

Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o congresso de Milão, de 1880 – onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada – não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas similares[...] Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessa ideias outros pressupostos: ou filosóficos – o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos, a importância da confissão oral, e os políticos – a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX. (SKLIAR, 2010, p. 16-7).

Na década de 1960, os resultados insatisfatórios do oralismo, causando déficits cognitivos, dificuldades no relacionamento familiar e social, levaram à adoção de uma nova abordagem de instrução.

Nesse momento, a partir da observação da sinalização dos surdos na universidade em que lecionava, Stokoe (1960, p. 3) desenvolveu uma pesquisa com rigorosos métodos científicos, cujos resultados demonstra-

ram que “a língua e sinais dos surdos têm estrutura e função semelhante às demais línguas”, expressa por um sistema que utiliza um meio sensorial diferente. Tais estudos fundamentaram as pesquisas sobre as línguas de sinais de todo o mundo.

Por volta de década de 1980, a Língua de Sinais retorna ao seu status de importância para a comunicação e interação social da pessoa com surdez, em virtude de pesquisas linguísticas que vinham sendo desenvolvidas desde 1960 nos Estados Unidos, à custa do fracasso social e educacional dos surdos. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 21).

Baseado nos estudos, Stokoe (1960) afirma que os surdos brasileiros consolidaram a Libras como meio de comunicação e como língua natural. Dessa forma, podemos encontrar na Língua Brasileira de sinais, além de uma gramática própria,—o que veremos detalhadamente ao longo desse ensaio— outras características linguísticas: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade, comuns às línguas orais. A primeira escola de surdos no Brasil foi fundada em 1857, denominada na época de Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, com o apoio do imperador D. Pedro II. Assim se fortaleceu o uso da língua brasileira de sinais, pois era naquele espaço que os surdos de todas as regiões do país se dirigiam e faziam as trocas linguísticas, formando, assim, a libras, então reconhecida pelo Estado brasileiro pela Lei Federal 10.436.

Art. 1

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais- Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

O senso comum tem elaborado alguns conceitos equivocados a respeito da Libras, tais como: a língua de sinais ser universal, ser mímica, não ter gramática, ser exclusivamente icônica, ser uma versão sinalizada da língua oral, é uma língua ágrafa, e dentre outros pensamentos irrealistas segundo Gesser (2010).

As línguas de sinais podem exprimir ideias abstratas e apresentam todas as propriedades linguísticas presentes nas línguas orais. O alfabeto manual é usado apenas como uma pequena parcela de expressão. Trata-se então de uma língua autônoma e não tem suas origens nas línguas orais e tampouco depende delas para existir, porém utiliza de empréstimos linguísticos em seu repertório discursivo de uso.

Portanto a Libras, como língua dos surdos, é um fato que não pode ser contrariado, tão pouco desconsiderado. O seu reconhecimento proporcionou a conquista do direito de o surdo ter sua identidade e de a sociedade viver um momento ímpar avançando no respeito à diversidade linguística.

Fato é que, nos últimos anos, foram alcançadas muitas vitórias decorrentes da oficialização da Libras; o direito ao intérprete, a disciplina de Libras como grade curricular no ensino superior são exemplos de boas novas que ainda precisam se sobrepôr às velhas práticas. Assim vivemos em um momento de transição, híbrido entre conquistas e busca da desconstrução de estereótipos. A seguir passaremos a descrição do aspecto fonológico da Língua de sinais.

3 FORMAÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

A fonologia das línguas de sinais é a área da linguística que busca identificar a estrutura e a organização fonológicas, assimilando modelos descritivos e exploratórios dessa língua. A primeira da tarefa da fonologia é determinar quais são as unidades que formam os sinais. Posteriormente, a segunda será estabelecer os padrões possíveis de combinações e variações que será a fonética.

A tarefa da fonologia é identificar quais são as unidades mínimas do sistema, quais aspectos dessas unidades são contrativos e como essas unidades são restringidas por diferenças e similaridades sensoriais entre língua de sinais e línguas orais. (BRENTARI et al. 1995, p. 70).

Nesse sentido, Stokoe (1960) propõe o uso do termo “quirema”, do grego, cujo significado é mão, em suas combinações, o termo “quirologia”. Porém o termo fonema e fonologia foram estabelecidos, e, sendo as línguas de sinais naturais da comunidade surda, estas compartilham dos mesmos

princípios linguísticos das línguas orais, conforme afirmação de Quadros e Karnopp (2004, p. 48):

As línguas de sinais, conforme um número considerável de pesquisas contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais e uma gramática, isto é, e sistema de regras que regem o uso desses símbolos. Existe também a hipótese de que a forma das línguas de sinais é determinada pela gramática universal inata e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual.

Os modelos fonológicos surgiram a partir de trabalhos de Stokoe (1960), que possibilitou a ordem linear, mostrando a sequência de ordem linear que formam os sinais. De modo análogo, apresentaram aperfeiçoamento ou desenvolvimento entre os parâmetros as relações estruturais entre todas as unidades na descrição fonológicas entre os sinais Quadros e Pimenta (2006, p. 49).

Configuração de mãos se refere à forma como as mãos tomam para formar os sinais, que vão muito além de sinais e alfabeto manual. Conforme Quadros e Pimenta (2006), existem 63 configurações de mãos na Libras. Localização ou (locação) é o lugar onde o sinal é realizado, a mão podendo tocar o corpo ou se articular no espaço. Movimento seria o padrão que envolve desde os movimentos dos dedos aos movimentos direcionais no espaço. Estas sendo as unidades referidas e estudadas por Stokoe (1960). Foram denominados parâmetros primários das línguas de sinais.

Battison (1974) adicionou a direção da palma da mão, na produção do sinal, em que a palma pode ser para cima, para baixo, para frente, para o corpo, esquerda e para a direita. Aspectos não manuais englobam expressões manuais, o movimento realizado pelo corpo e o dos olhos, assim durante a formação do sinal e um fator decisivo para formular um conceito. Assim sendo, uma mudança no aspecto não manual pode mudar o significado do sinal, como o exemplo a seguir: Bravo e Sério, , em que a distinção se dá na expressão facial.

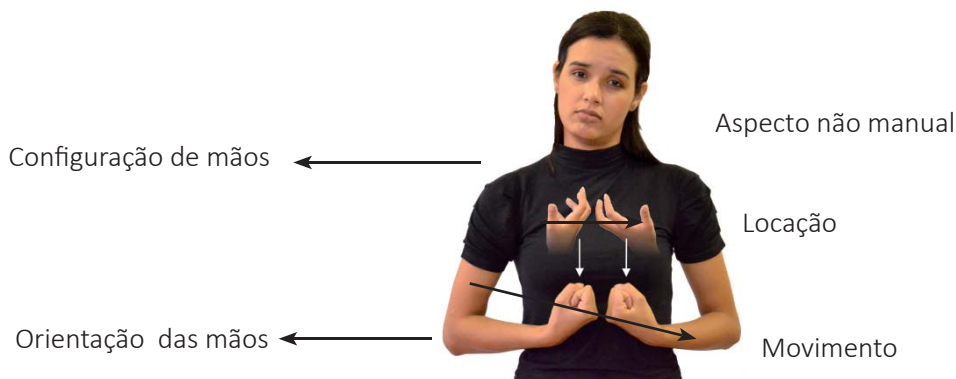


Bravo (expressão facial ríspida)

Sério (expressão facial neutra)

Fonte: Albuquerque (2016, p. 36)

Relembrando que a Libras faz uso constante dos aspectos não manuais, nas línguas de sinais as expressões faciais serão elementos gramaticais que compõem o sinal e sua estrutura linguística. Os parâmetros servem para apontar traços distintivos que restringem as possíveis combinações entre as unidades mínimas.



Fonte: Albuquerque (2016, p. 30)

Os parâmetros também apontam os traços distintivos que restringem linguisticamente as possíveis combinações entre as unidades mínimas, assim como acontece na Língua Portuguesa como, por exemplo, as palavras “faca e maca” com vocábulos distintivos. Como afirmam Quadros e Brito (2004, p. 51) ao discorrer sobre a distinção dos pares mínimos:

Uma das tarefas de um investigador de uma determinada língua de sinais é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm caráter distintivo. Isso pode ser feito comparando-se pares de sinais que contrastam minimamente, um método utilizado na análise tradicional de fonemas distintivos das línguas de naturais.

Com essa análise com os parâmetros que são as unidades mínimas, entendemos que tanto a língua oral quanto a de sinais são similares com seu nível estrutural, conforme Gesser (2010). Assim podemos dizer que as unidades mínimas combinam e formam unidades.

Tais unidades que formam os sinais na Língua de Sinais, posteriormente formaram frases, maneira paralelamente semelhante à da língua oral em que as palavras são pronunciadas para assim formarem as orações.

4 CONCLUSÃO

Por meio desta pesquisa, aprofundamos os conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais, refletindo e tentando entender sobre suas características linguísticas. Buscamos exemplificar, por meio dos estudos linguísticos, as normas gramaticais que regem desde formação dos sinais à organização destes nas estruturas frasais e nos diferentes discursos.

Esperamos ter contribuído para elucidar que, como as línguas orais, as línguas de sinais são naturais, e as pesquisas comprovam e descrevem a existência de características linguístico-estruturais presentes nas línguas humanas naturais. Embora seja uma língua espacial, atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína.

No que diz respeito ao aspecto fonológico da Libras, deixamos nossa singela contribuição para saber que partir da análise dos parâmetros, as unidades mínimas na formação lexical, leva ao entendimento de que as línguas orais e as línguas de sinais são similares em seu nível estrutural. Podemos dizer então que o léxico da Libras forma-se a partir da combinação das unidades mínimas, e estas conseqüentemente foram unidades mais complexas, estruturando, assim, o sistema linguístico da Língua de sinais.

Dessa forma, mostram-se suas características linguísticas que lhe conferem o valor de língua natural da comunidade surda, tendo caracte-

rísticas semelhantes às das línguas orais, assim trazendo esclarecimento sobre a Língua de Sinais.

O texto, embora não tenha a pretensão de ter cunho conclusivo, pois ainda há muito para ser investigado, faz descrições a respeito da Libras, sobretudo a respeito das variações e estruturas linguísticas, o que reitera a necessidade de que estudos feitos nessa área preconizem os princípios universais aplicáveis tanto às línguas de sinais quanto às línguas orais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, K. *A construção de sentidos no processo de tradução/interpretação Português/Libras*. 2016. 92f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, MS, 2016.

ALLWRIGHT, D. Exploratory Practice: rethinking practitioner research in language teaching. *Language Teaching Research*, London, v. 7, n. 2, p. 113-42, abr. 2003a.

_____. *Exploratory Practice and Academic Research: the nature of the inter-relationship*. Rio de Janeiro, 2003b. mimeo.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1-19, out. 1974

BRASIL. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 8 out. 2015.

BRENTARI, D.; POIZNER, KEGL, J. Aphasic and parkinsonian signing: differences in phonological disruption. *Brain and Language*, v. 48, n. 1, p. 69-105, jan. 1995.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ/Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

GESSER, A. *As várias línguas em LIBRAS: reflexões sobre o bi/multilinguismo na comunidade surda*. In: SEMINÁRIO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 11., e SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO, 7., Salvador, 2010. Cultura, identidade, diferença e acessibilidade, 2010. v. 1. p. 16.

MORAES BEZERRA, I. C. R. Teoria e prática: os dois lados da moeda nas aulas de prática de ensino. In: BOTELHO, J. M. (Org.). *Estudos reunidos: linguagem, literatura e estilística*. Rio de Janeiro: Botelho, 2006. p. 127-43.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. *Curso de Libras 1*. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SKLIAR, Carlos. *A surdez, um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo, 1960. (occasional papers, n. 8).

